



O LÉXICO DA SALVAGUARDA EM HEIDEGGER *

Heidegger's lexicon of safekeeping

Roberto Wu **

Resumo: A salvaguarda do ser na verdade é uma expressão empregada por Martin Heidegger no período conhecido como hermenêutica da facticidade. Apesar de referências e análises ocasionais, que pontualmente a desenvolvem em vista de outros assuntos, tal temática é, de modo geral, pouco desenvolvida por parte da literatura secundária. O artigo sugere que a explicitação do termo salvaguarda e conceitos correlatos não é apenas uma tarefa ineludível, em vista de sua constância na trajetória intelectual de Heidegger, mas que ela toca no cerne da questão do sentido do ser. A análise inicia com um exame da salvaguarda do ser a partir do *Informe Natorp* para, em seguida, apontar continuidades, quebras e reformulações em relação ao tratamento do tema da guarda em obras da década de 1930.

Palavras-chave: Facticidade. Pluralismo ontológico. Afinação fundamental. Maquinação. Acontecimento-apropriador.

Abstract: Martin Heidegger employs the expression safekeeping of being in the truth in his so-called hermeneutics of facticity. Despite occasional references and analyses, which develop it in favor of other subjects, such topic is, generally speaking, underdeveloped by the secondary literature. The article suggests that the clarification of safekeeping and similar concepts not only represents an inevitable task, considering their constancy in Heidegger's works, but that such investigation relates to the kernel of the question of the meaning of being. The analysis begins with an examination of the safekeeping of being in the *Natorp Report* and proceeds to an indication of continuities, ruptures with, and reformulations of his 1930s account of guard.

Keywords: Facticity. Ontological pluralism. Fundamental attunement. Machination. Appropriating event.

* Artigo recebido em 30.03.2022 e aprovado para publicação em 08.11.2022.

** Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – RJ (2006); professor na Universidade Federal de Santa Catarina.

Considerando-se a miríade de assuntos que orbitam a pergunta pelo ser na obra de Martin Heidegger, destaca-se o fato de que o tema da salvaguarda do ser na verdade (*Seinsverwahrung*)¹ tenha recebido relativamente pouca atenção na literatura especializada, limitando-se a comentários episódicos em vista de outros assuntos². O fato desse conceito não aparecer mais frequentemente nos estudos sobre a filosofia heideggeriana é curioso, visto que remete justamente ao tema da verdade (*alētheia*), tópico em relação ao qual Heidegger jamais deixaria de se ater. A verdade, que designa o aparecimento do ente em seu ser, é indissociável do modo em que esse desvelamento se dá. Essa conexão mostra, por seu turno, que a verdade é um acontecimento que, embora não tenha sido causado por nós ou resultante de nossa vontade, depende em algum grau da atitude

¹ *Verwahren* é geralmente traduzido por salvaguardar, custodiar ou preservar, como acentuação dos mesmos sentidos já presentes no verbo *wahren*. No presente artigo, explora-se a sua conexão com outros termos que utilizam a raiz *wahr* (verdadeiro), como *Bewahrung* (guarda), *Wahrer* (aquele que vela), e *Wahrnis* (percepção-resguardadora), bem como outros conceitos que fazem parte do léxico da salvaguarda, como *Aufbehalten* (a guarda), *Wächter* (o guardião), *Bergen* (abrigar), *Hut* (guarda, proteção), *behüten* (guardar) e *Schonen* (resguardar). * Todas as traduções de textos estrangeiros são de minha autoria, a não ser nos casos em que a edição brasileira é utilizada. Quando esse for o caso dos textos de Heidegger, fornece-se em seguida a paginação correspondente da *Gesammtausgabe* (GA). Também indico os casos em que modifiquei a tradução empregada.

² É frequente encontrar autores que discutem de passagem o tema da salvaguarda e conceitos relativos, sem que com isso estes venham a constituir o núcleo da pesquisa, como em SCHÜRMAN, Reiner. *Heidegger on being and acting: from Principles to Anarchy*. Bloomington: Indiana University Press, 1987; ZARADER, Marlène. *Heidegger e as palavras da origem*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990. Kockelmans oferece um exaustivo estudo sobre a verdade do ser e emprega o termo preservar de modo amplo, ao se referir ao modo como o desvelamento é preservado no empenho ek-stático do Da-sein em sua abertura (p. 10), para traduzir *bewahren* no âmbito da preservação da verdade na obra de arte (p. 189-190), para designar o papel do poeta na guarda e na preservação do mistério (p. 51), ou ainda na preservação da quadratura (p. 110), dentre outros usos. Destaca-se também a relevância de *schonen* – vertido por *care*, como o característico do habitar (*wohnen*) (p. 110) – e a temática da guarda. Apesar do amplo uso do léxico da salvaguarda, mais do que uma pesquisa específica sobre a imbricação da preservação no próprio conceito de verdade, a obra de Kockelmans se afigura como um estudo da verdade que emprega o vocabulário heideggeriano da preservação. KOCKELMANS, J. *On the Truth of Being: reflections on Heidegger's latter philosophy*. Bloomington: Indiana University Press, 1984. Também Malpas, embora com menor ênfase, utiliza, seguindo a tradução de Albert Hofstadter, “sparing and preserve”, para verter *schonen* (resguardar), nomeadamente o traço fundamental do habitar (*wohnen*). Contudo, diferentemente de Malpas, que explicita a filosofia heideggeriana a partir do problema topológico e, assim, toca no problema do resguardar (*schonen*) a partir da própria letra de Heidegger em “Construir, Habitar, Pensar”, a nossa proposta reconhece no próprio conceito de verdade, desde seus primeiros escritos, a requisição de uma salvaguarda, que se acentuaria em vista do perigo do esquecimento do ser. Ver MALPAS, Jeff. *Heidegger's Topology: Being, Place, World*. Cambridge: MIT Press, 2007; HEIDEGGER, M. *Ensaio e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 129; GA 07: 151. Por fim, cabe ressaltar que, ao contrário dos autores supramencionados, o presente artigo procura não avançar além do contexto de *Meditação e Contribuições à filosofia*, motivo pelo qual deixamos a temática do habitar para outra ocasião.

em relação ao qual nos acercamos do ente. Essa atitude, simultaneamente ativa, na medida em que elabora o ente a partir das formas da abertura da existência, e passiva, já que não impõe sobre o ente aquilo que não é de acordo com o seu ser, implica propriamente uma correspondência ao que aparece. A salvaguarda do ser é, ao final, também uma salvaguarda da própria noção de verdade, como resguardo do espaço de jogo em que o ente se mostra em seu ser.

Dentre aqueles que se detiveram sobre o tópico da *Seinsverwahrung*, expressão que aparece no *Informe Natorp*, destaca-se a abordagem de Carmem Seguro Peraita, que salienta a relevância dessa expressão, vertida como “custodia del ser en la verdad”³, no contexto da apropriação heideggeriana de Aristóteles da década de 1920. A sua leitura situa de forma rigorosa a proximidade entre a hermenêutica da facticidade proposta por Heidegger, que desembocaria no projeto de uma ontologia fundamental, e o campo da filosofia prática aristotélica, especialmente em relação à demarcação entre os diversos saberes e suas peculiaridades. Tal interpretação também aparece em Theodore Kisiel, que salienta a atividade de preservar (*preserving*) o ser na proposta heideggeriana da verdade⁴. Os trabalhos de Peraita e Kisiel constituem, ao menos no que me é possível afirmar sobre os estudos especializados de Heidegger, exceções, ao situarem o tema da custódia ou da salvaguarda no núcleo do pensamento do filósofo da Floresta Negra, derivando a partir dele, as consequências ontológicas de tal radicalização da noção de verdade. Como se verá, o que se salvaguarda será justamente a pluralidade dos modos em que a verdade se dá.

Após a chamada viragem (*Kehre*), o tema da salvaguarda não apenas permanece central, mas assume perspectivas variadas decorrentes de interesses filosóficos ulteriores. Considerando-se a inadequação de se abarcar a fase posterior como um bloco uniforme, restringimos o nosso escopo investigativo principalmente em torno de duas obras dos anos 1930, *Contribuições à filosofia e Meditação* (redigidos respectivamente entre 1936-38 e 1938-39). Diferentemente do campo conceitual pertencente à interpretação heideggeriana de Aristóteles nos anos anteriores, a década de 1930 traria uma preocupação com as formas históricas que prefiguram todo e qualquer comportamento cotidiano. Nesse sentido, não se trata apenas de uma salvaguarda em vista do esquecimento do ser, resultante de diversas camadas de encobrimento e de distorção na história da metafísica, tal como se poderia sintetizar o fito dos anos 1920, mas de uma confrontação com a violência manifesta-

³ PERAITA, Carmen Seguro. *Hermenêutica de la vida humana: en torno al informe Natorp de Martin Heidegger*. Madri: Trotta, 2002, p. 63.

⁴ KISIEL, T. *The Genesis of Heidegger's Being and Time*. Berkeley: University of California Press, 1995; ver também KISIEL, T.; SHEEHAN, T. *Becoming Heidegger: On the Trail of his Early Occasional Writings, 1910–1927*. The New Yearbook for Phenomenology and Phenomenological Philosophy IX. Seattle: Noesis, 2010.

da pela metafísica através das formas da maquinação e da vivência. Essa violência se caracteriza por uma vontade de poder⁵, na medida em que o ser humano busca domínio e exploração irrestritos de todos os entes. Diferentemente dos anos 1920, a abordagem da década seguinte não apenas assume que certa interpretação metafísica sobre o ser acabou por se impor na história do ocidente, senão também e sobretudo que ela já está historicamente cristalizada em cada ser humano como técnica. Esse caráter absoluto da metafísica se revela um perigo, que não cederá ou se suprimirá em vista de nossa vontade, já que resulta da própria vontade de poder. O que é digno de salvaguarda é, sem dúvida, o ser ele mesmo, e com isso a preservação do próprio acontecimento da verdade, em vista da pretensão de domínio que se generaliza na época da consumação da metafísica. A partir da interpretação de *Contribuições à filosofia e Meditação* será possível determinar a espécie de guarda específica que o ser humano pode realizar em vista da ameaça da maquinação e da vivência.

Em vista disso, a hipótese principal deste artigo é a de que, ao propor a centralidade do conceito de salvaguarda, o tema da verdade – discutido pormenorizadamente pela literatura secundária – revela uma preocupação constante, a saber, de que a relação genuína com o ser envolve a capacidade de preservá-lo, pressuposto esquecido na história da metafísica e que, em seu último estágio, acaba por se tornar uma ameaça ao ser como tal. Ao passo em que o pensamento de Heidegger se modifica ao longo

⁵ Heidegger insere a expressão nietzscheana vontade de poder no contexto do abandono e do esquecimento do ser. Com isso, ela passa a designar o movimento incessante de vontade de domínio sobre o ente em geral, expresso na nossa época pela técnica, na medida em que esta é concebida como a consumação da metafísica. Em seus cursos sobre *Nietzsche*, Heidegger explica que “pensar o ser, a entidade do ente, enquanto vontade de poder significa: conceber o ser como liberação do poder em sua essência, de tal modo que o poder, vigorando incondicionadamente, estabelece o ente como o objetivamente efetivo no primado exclusivo contra o ser e faz com que o ser caia em esquecimento”. HEIDEGGER, M. *Nietzsche II*. Rio de Janeiro: Forense, 2007, p. 3; GA 6.2: 10. Mesmo a valorização nietzscheana da criação estaria, segundo a tese heideggeriana, a serviço desse movimento aparentemente irrefreável de domínio do ente. “No conceito de vontade de poder, ambos os ‘valores’ constitutivos (a verdade e a arte) não passam de circunscrições da ‘técnica’, no sentido essencial de disponibilização planejadora e calculadora para um desempenho capaz de trazer para a ação de criar da ‘criatividade’, sempre além de cada vida em particular, um novo estímulo do vivo e assim assegurar o êmulo da cultura. Tudo isso serve à vontade de poder”. HEIDEGGER, M. *Ensaio*, p. 71; GA 07: 80. O traço nietzscheano ainda se faz presente em outro interlocutor de Heidegger, Ernst Jünger (Cf. Jünger, E. *O trabalhador. Domínio e Figura*. Lisboa: Hugin, 2000). Todavia, enquanto este aceita a imposição da vontade de poder e vê como única alternativa plausível a sua radicalização na postura do realismo heroico, Heidegger acena para a alternativa do deixar-ser, da serenidade e da proximidade ao ser no habitar, isto é, para modos de salvaguarda da verdade do ser. Por fim, é importante salientar que “a essência da vontade de poder apenas se deixa conceber a partir da vontade de vontade” (HEIDEGGER, *Ensaio*, p. 71; GA 07: 80), isto é, do autoasseguramento de seu próprio poder que mantém o ser humano enredado no circuito metafísico da vontade. A vontade de poder se assenta na ilusão de que há uma subjetividade que quer e domina a técnica, quando, na verdade, é o ser humano que serve à vontade de poder: “é o homem que é querido pela vontade de vontade, sem se dar conta da essência dessa vontade” (HEIDEGGER, *Ensaio*, p. 77; GA 07: 88).

de sua trajetória, o que é pressuposto na salvaguarda do ser, contra o que se guarda, o que deve ser preservado, e quem são os guardiões, são questões que devem ser respondidas a partir de cada um de seus escritos. No presente artigo, sugere-se que no *Informe Natorp* a salvaguarda se situa no âmbito do resguardo da pluralidade dos modos de ser, obnubilada pela generalização metafísica do subsistente (*Vorhandenheit*). O cuidado (*Sorge*) é, dessa forma, proposto como estrutura primordial de articulação de sentido. Com isso, Heidegger não está apenas reafirmando a divisão aristotélica entre saberes práticos e teóricos, mas redimensionando o seu entendimento a partir da existencialidade. O seu propósito, nesse período, não se encerra no reconhecimento da pluralidade de modos de apreensão do ente, senão que envolve a descrição das relações de dependência ontológica, cujo solo irrecusável consiste na facticidade. Por esse motivo, a salvaguarda do ser passa por uma clarificação dos diversos níveis de constituição de sentido da facticidade, assim como pela justificação da vida fáctica como condição de possibilidade da realização dos diversos saberes.

Coisa distinta ocorrerá em relação ao problema da salvaguarda em *Contribuições à filosofia e Meditação*, na medida em que estes propõem um pensamento que procura preservar o ser contra a tendência epocal de sua absoluta entificação. Se o ser humano passa a ser tomado como guardião da verdade do seer (*Seyn*)⁶, isso implica nesses textos uma confrontação que não se dá tão somente a partir da existencialidade do ser-aí, na medida em que se coloca no campo das estruturas histórico-ontológicas. Trata-se de resguardar o seer (*Seyn*) (relativo ao outro início), vislumbrado e imediatamente encoberto na história da metafísica, contra a sua supressão nessa mesma história, que optou por conceber o ser (*Sein*) a partir do ente (primeiro início).

1 A salvaguarda no Informe Natorp

O texto *Interpretações fenomenológicas de Aristóteles: uma indicação da situação hermenêutica*, redigido em 1922 e também conhecido como *Informe Natorp* (*Natorp Bericht*), consiste, em certo sentido, em um roteiro de investigação filosófica que exprime as preocupações de Heidegger no período anterior a *Ser e tempo*. Nele, percebe-se vivamente aquilo que viria a ser característico do estilo desse autor, a saber, a apropriação violenta de conceitos da tradição.

Apesar de à época Heidegger ainda não ter desenvolvido boa parte dos conceitos empregados em *Ser e tempo*, é possível perceber certas relações

⁶ A partir da viragem, Heidegger utiliza em diversas obras a grafia seer (*Seyn*) em contraposição a ser (*Sein*), de forma a assinalar o totalmente outro em relação ao primeiro início. Ver VOLPI, Franco. *Martin Heidegger: Aportes a la Filosofía*. Madrid: Maia Ediciones, 2010, p. 40-43.

entre ambas as obras. Evidencia-se que a apresentação da situação hermenêutica, com que o *Informe Natorp* inicia, antecipa a interpretação circunstanciada descrita no § 32 de *Ser e tempo*, que a circunscrição do “objeto da investigação filosófica” como “o *Dasein* humano na medida em que é questionado em seu caráter de ser”⁷ remete ao § 9 daquela obra, e que a definição da filosofia como sendo uma “ontologia principal” (*prinzipielle Ontologie*) é por demais semelhante àquela encontrada no livro de 1927⁸. Contudo, nem a situação hermenêutica coincide com a estrutura prévia da compreensão em *Ser e tempo* e nem o *Dasein* humano do *Informe Natorp* conduz à pergunta sobre o sentido do ser, o que seria efetivamente realizado apenas numa ontologia fundamental (*Fundamentalontologie*), visto que o *Informe* oferece predominantemente uma investigação da vida fáctica.

É no interior desse âmbito conceitual, de uma ontologia principal que ainda não é a ontologia fundamental de *Ser e tempo*, que se anuncia o tema da verdade. A múltipla direcionalidade do cuidado em relação aos diversos mundos que se abrem na vida fáctica é explicitamente associada às *virtudes dianoéticas* propostas por Aristóteles, embora interpretadas pela via destrutiva⁹, que as desloca do campo ético para o ontológico¹⁰. Assim, elas passam a ser caracterizadas como modos que permitem a realização de uma “autêntica salvaguarda do ser na verdade” (*echter Seinsverwahrung*), ou, o que diz o mesmo, modos em que a verdade se dá¹¹. Esses modos são: o proceder operativo-produtivo (*technē*), a compreensão determinante-contemplativa (*epistēmē*), a circunvisão solícita (*phronēsis*), a autêntica compreensão contemplativa (*sophia*) e o puro inteligir (*nous*)¹². Na interpretação

⁷ HEIDEGGER, M. *Phänomenologische Interpretation ausgewählter Abhandlungen des Aristoteles zu Ontologie und Logik* (GA 62). Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2005, p. 348, tradução nossa.

⁸ *Ibid.*, p. 364, tradução nossa. Hermenêutica da facticidade e ontologia principal são expressões presentes no *Informe Natorp* e designam o projeto de uma explicitação da vida fáctica, ou seja, uma interpretação de nosso ser histórico a partir dele mesmo. O termo principal (*Prinzipielle*), decorrente de princípio (*Prinzip*), faz parte do mesmo léxico a que pertencem, por exemplo, origem (*Ursprung*), começo (*Beginn*) e início (*Anfang*).

⁹ O método fenomenológico de Heidegger compõe-se de redução, construção e destruição, sendo este último, o procedimento de desestruturação e abalo das estruturas rígidas historicamente consolidadas, de modo a permitir o aparecimento daquilo que se encontra encoberto por estas. Ver HEIDEGGER, Martin. *Grundprobleme der Phänomenologie* (GA 24). Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1975, p. 26-32.

¹⁰ Ver VOLPI, F. La existencia como praxis. Las raíces aristotélicas de la terminología de *Ser y tiempo*. In: VATTIMO, G. (Ed.). *Hermenêutica y racionalidade*. Colombia: Editorial Norma, 1994, p. 327-383.

¹¹ HEIDEGGER, *Phänomenologische*, p. 376, tradução nossa.

¹² *Ibid.*, pp. 376-377, tradução nossa. Costumeiramente, as virtudes dianoéticas são traduzidas do seguinte modo: *technē* (arte), *epistēmē* (ciência), *phronēsis* (prudência), *sophia* (sabedoria) e *nous* (inteligência). Aqui Heidegger não está tão somente propondo traduções alternativas, mas exercendo sobretudo violência hermenêutica, a fim de que se aprenda a olhar novamente para esses fenômenos e experimentar um sentido que o uso sistemático de esquemas interpretativos consagrados na história da filosofia acabou por ocultar.

de Heidegger, o *nous* propicia uma abertura em geral, a partir da qual algo como o sentido dos entes pode se dar. No interior dessa abertura, os saberes se dividem entre aqueles referentes aos entes que podem ser de outro modo (*technē* e *phronēsis*) e aqueles que são invariáveis (*epistēmē* e *sophia*). *Sophia* e *phronēsis* são consideradas modos plenos de realização do *nous*, cada um relativo à sua região de abrangência ontológica: aquele em relação ao invariável, este em relação ao que pode ser de outra forma. Diz Heidegger que através dessas modalidades, “o ente se torna acessível, deixa-se apropriar [*Aneignung*] e salvaguardar (*Verwahrung*) conforme o caráter de inteligência (*Vernehmenscharackter*) que lhe corresponde a cada caso”¹³. Na medida em que cada uma dessas modalidades abre o ser do ente sob certo aspecto e, dessa forma, para certa direção de sentido, elas não se recobrem, mas possibilitam diversos âmbitos de ser. Assim, o aberto pela *technē* difere do que é provido pela *epistēmē* e pela *sophia*, na medida em que lida com entes que podem ser de outra maneira e, por isso, trabalha num registro não determinável por estes. Por outro lado, a *technē* mantém a sua especificidade mesmo no campo do que é variável, na medida em que o produzido é sempre algo outro que si mesmo, como, por exemplo, a mesa talhada pelo marceneiro, enquanto que, no caso da *phronēsis*, a ação engendra um circuito em que o agente ‘produz’ a si mesmo ao agir, tal qual o ser humano justo é reflexo de suas ações justas. O mesmo raciocínio se aplica à singularidade das outras virtudes dianoéticas, cada uma sendo soberana em seu campo de abrangência, apesar de, para Heidegger, a *phronēsis* apresentar um primado, em vista da compreensibilidade situada que é tomada como a base de todos os outros saberes. É digno de nota que Heidegger indica o termo latino *curare* entre parênteses ao se referir à vida fáctica que se abre como totalidade, nomeada propriamente de cuidado (*Sorge*)¹⁴. Lê-se na nota 15 do *Informe Natorp*: “*recuratio*: o histórico! Aí reside a mais elevada salvaguarda do ser (*Seinsverwahrung*)”¹⁵. O cuidado é considerado a salvaguarda mais elevada (*höchste*) porque reflete a abertura do ser-aí à pluralidade dos modos de ser, sendo que a menção ao histórico assinala o caráter temporalizante das elaborações de sentido que se dão nessa abertura e da implicação do seu ser nessas elaborações compreensivas.

Esses modos de salvaguarda do ser não são outra coisa que modos em que a verdade se dá. Através desses modos de “*salvaguarda originária*” (*ursprüngliche Verwahrung*) é que o ente se apresenta como “desvelado” (*unverborgenes*)¹⁶. Contudo, o ente se desvela de diversas formas, de acordo com o seu ser e o modo em que é apreendido. A apreensão do ente que

¹³ *Ibid.*, p. 376, tradução nossa.

¹⁴ *Ibid.*, p. 352, tradução nossa.

¹⁵ *Ibid.*, p. 352, tradução nossa.

¹⁶ *Ibid.*, p. 377. [Grifo meu na primeira expressão].

é mais adequada ao seu modo de ser é aquela que se apropria dele em seu desvelamento e salvaguarda esse desvelar, mantendo aquele que o desvela na proximidade do ente. Assim a verdade pode ser pensada como o acontecimento em que o ser do ente é preservado em seu aparecimento, seja isso na forma de uma apropriação na região do ente que é invariável (*epistēmē* e *sophia*), seja na região ontológica do que é circunstancial (*technē* e *phronēsis*). Em todos esses casos, essas formas de salvaguarda do ser são possibilitadas e acompanhadas por uma intelecção pura (*nous*) que abre inicialmente um sentido. O *nous* pode ser visto como o paradigma a partir do qual o conceito de *Da* (aí) seria retomado em *Ser e tempo*, a saber, como a designação da abertura ao ser ou como a transcendência mesma¹⁷.

A apresentação heideggeriana da verdade é bastante incomum, não apenas porque procura identificar e explicitar o plano pré-reflexivo que se pretende primordial em comparação à verdade enunciativa, mas também porque discute obras aristotélicas que não são costumeiramente associadas à questão da verdade, como a *Ética Nicomacheia*. Com base no Estagirita, a investigação heideggeriana fornece a sua própria versão da pluralidade ontológica, ao reconhecer os diversos modos de ser em que o ente se dá. A verdade não é tomada aí primeiramente como algo da ordem da adequação confirmativa entre o juízo e certo estado de coisas no mundo, mas como o evento originário do aparecimento do ente em seu ser. Assim, as virtudes dianoéticas, tais como propostas por Aristóteles, são consideradas meramente em seu caráter ontológico, como indicações formais de âmbitos do ente, e assinalam como este pode se mostrar em seu ser de acordo com o aspecto em que é abordado. À delimitação da região ontológica a partir da qual o ente é considerado corresponde um tipo específico de realização (*Vollzug*) desse ente. Os entes são salvaguardados em seu ser, na medida em que lhes são permitidos os modos de aparecimento e de realização que lhes são característicos.

O projeto da hermenêutica da facticidade divide-se em dois níveis em relação ao tratamento da questão da verdade. Por um lado, Heidegger desenvolve a análise das regiões ontológicas, que se complementaria em *Ser e tempo*, embora através de termos ligeiramente distintos, ao estabelecer a dependência ontológica de tudo o que é subsistente (*vorhanden*) em relação à existencialidade do ser-aí; por outro, ele analisa o próprio acontecimento da verdade, em seu significado ontológico. No primeiro caso, o que está em jogo é o primado da verdade originária (a abertura do ser-aí) em relação às outras definições de verdade, ao passo que, no segundo caso, se trata de investigar como essa instância de abertura pode

¹⁷ Sobre a abertura ao ser, ver Heidegger, M. *Sein und Zeit* (GA 02). Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2018, § 28. Em relação à transcendência, ver Heidegger, M. *Die Grundprobleme der Phänomenologie*.

ser ela mesma adequadamente preservada. Embora interrelacionados e codependentes, esses momentos não são o mesmo.

A escolha de Heidegger pelo termo *Verwahrung* não é fortuita, já que ele evoca um conjunto de significados que indicam fenomenologicamente a correlação entre salvaguarda e aparecimento. Kisiel sugere que o termo grego para a verdade (*alētheuein*) remete a um preservar (*preserving* (*verwahren*)) e, portanto, à percepção do ente enquanto um “tomar sob custódia (*take into possession*) e salvaguardar do erro”¹⁸. Em outro estudo, Kisiel e Sheehan associam *Verwahrung* à fidelidade e à lealdade ao ser, através da conservação de sua manifestação na forma de abertura que lhe é própria¹⁹. Na mesma linha interpretativa, Peraita o associa ao conceito de *hexis* aristotélico, o que leva ao entendimento de algo como “custodiar o mundo do erro”²⁰. No prosseguimento de sua análise, Peraita explica que o termo remete à verdade (*wahr* – verdadeiro; *Wahrheit* – verdade) e à apreensão (*Wahrnehmung*). Diante desse campo semântico, não nos parece descabido pensar que *Verwahrung* implica uma espécie de relação originária com a verdade, a qual se dá simultaneamente por uma apreensão e uma custódia desse espaço de jogo em que algo se apreende. Consequentemente, *Seinsverwahrung* significa uma salvaguarda do ser na verdade (considerando-se a importância da raiz *wahr*), o modo originário de relação com os entes em que eles são preservados em seu aparecimento de sentido.

Por não se tratar de posse no sentido da conservação de um saber subsistente, a apreensão do ente em seu ser deve ser compreendida como situada e, portanto, facticamente constituída. “*Aletheuein* não significa “apoderar-se da verdade”, senão trazer à salvaguarda aquilo que é em cada caso visado e, enquanto tal, o ente visado, enquanto desvelado (*unverhülltes*)”²¹, escreve Heidegger. Se essa salvaguarda, como veremos a seguir, será diretamente ameaçada pela técnica em seus escritos posteriores, no período do *Informe Natorp*, ela se circunscreve à crítica da hegemonia do subsistente, que havia se tornado o modo regulativo de apresentação do ente. Para além da subsistência, a compreensão de ser do ser-aí implica uma apreensão plural já manifesta ou previamente apreendida em cada comportamento seu. Dessa maneira, a salvaguarda se anuncia como uma interrelação, em que a salvaguarda do ser dos entes em sua verdade se mostra dependente da compreensão do ser-aí de sua própria vida fáctica, ao passo que a realização da vida fáctica se dá na abertura à pluralidade dos modos de ser.

Kisiel afirma que o termo *Verwahrung*, frequentemente utilizado até então, cederia lugar a *bergen* (abrigar) – que aparece provavelmente pela primeira

¹⁸ KISIEL, *The Genesis*, p. 273 [tradução nossa].

¹⁹ KISIEL; SHEEHAN, *Becoming*, p. 436.

²⁰ PERAITA, *Hermenéutica*, p. 73. [tradução nossa].

²¹ HEIDEGGER, *Phänomenologische*, p. 378 [tradução nossa].

vez em 1926, no texto “Sobre a essência da verdade”²² –, que está na raiz de *Verborgenheit* (velamento), frequentemente empregado em *Ser e Tempo*.

Das Ver-wahren der Wahr-heit, “custodiar a verdade (troth, truth), salvaguardá-lo”, era antes de 1926 [...] frequentemente empregado por Heidegger para enfatizar a tendência conservativa dos hábitos da verdade. Talvez pela primeira vez nessa conferência de 1926, *Bergen* (abrigar) começa a assumir a mesma função de salvaguarda segura, trazendo consigo as notas adicionais de “encobrir, velar, enclausurar”, como em uma “baía” secreta, um porto ou um vale que são abrigados pelas montanhas (*Berge*). Em torno de 1930, Heidegger cunha a palavra *entbergen* (retirar do encobrimento), e essas duas palavras, em conjunto com a antiga palavra dessa família, *verbergen* (velar) e suas variantes (ex: *Verborgenheit*, “velamento”, “segredo”, “retiro”; aquele frequentemente utilizado em *Ser e tempo*) desempenharão, a partir daí, os papéis principais nas concepções da velada “essência da verdade” do Heidegger ulterior.²³

Excede o escopo de nosso estudo detalhar essa transição, que exige, entre outros aspectos, uma análise das diversas formas do velamento²⁴ e uma discussão pormenorizada entre topologia e técnica, mas é possível ao menos indicar dois aspectos terminológicos dessa passagem. Primeiramente, além do emprego ocasional do próprio *Verwahrung*, uma série de termos que passam a ser utilizados retém a raiz *wahr* (por ex., *Bewahrung*-guarda, *Wahrer*-aquele que vela e *Wahrnis*-percepção-resguardadora) e assim cada um deles remete simultaneamente à verdade e à sua guarda. Dessa forma, conceitos como esses cumprem e ampliam as funções de salvaguarda do ser na verdade. Em segundo lugar, *bergen*, que significa tanto abrigar quanto encobrir, passa a indicar diversos níveis de ocultamento e, conseqüentemente, modos distintos de desencobrimento, tais como entre *Unverborgenheit* (desvelamento) e *Entbergung* (desencobrimento)²⁵. A forma peculiar de um abrigo no encobrimento, tal como ocorre com o mistério (*Geheimnis*), será concebida como modo de guarda do ser em vista da ameaça da técnica²⁶. Em função da delimitação que propomos, não aprofundaremos esses temas nesta ocasião, mas passaremos diretamente ao tema do outro início.

²² Não confundir com as versões homônimas de 1930-32. O texto de 1926 antecipa diversas ideias do § 44 de *Ser e Tempo*. Cf. KISIEL; SHEEHAN, *Becoming*, p. 274-275.

²³ KISIEL; SHEEHAN, *Becoming*, p. 276. [tradução nossa].

²⁴ Cf. HEIDEGGER, M. *Parmenides* (GA 54). Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1992.

²⁵ Como, por exemplo, no seguinte trecho de *Meditação*: “O fato de o desvelamento [*Unverborgenheit*] ser apresentação e essa apresentação ser desencobrimento [*Entbergung*] e, por meio daí, abrigo [*Bergen*] e encobrimento [*Verbergung*], assim como o que se tornou experienciável com isso, permanece fora do pensamento grego”. HEIDEGGER, M. *Meditação*. Petrópolis: Vozes, 2010, § 87, p. 254; GA 66: 316.

²⁶ Diferentemente de outras formas de encobrimento, o mistério é um encobrimento que abriga, ao resguardar o seer em sua retração. “Este abrigo encobridor [*Verbergende Bergen*] é algo simples, não necessita, para ser sustentado, de nada inabitual, mas joga no abismo do ser-aí uma inquietude, que permanece a fornalha de toda a história”. *Ibid.*, § 14, p. 54; GA 66: 55.

2 A extensão do problema da salvaguarda ao pensamento do outro início

A década de 1930 marca a viragem (*Kehre*) do pensamento de Heidegger, em confronto crítico com pensadores como Friedrich Nietzsche e Ernst Jünger. No contexto de um diagnóstico de nossa época como sendo a da técnica, isto é, a da consumação da metafísica, estágio atual da história do ser (*Sein*) e que se caracteriza pela ubiquidade da vontade de vontade, Heidegger salienta a ameaça constante que sofre o seer (*Seyn*), enquanto possibilidade impensada dessa história. Considerando que as relações com os entes passam a ser hegemônicas na forma da maquinação (*Machenschaft*) e de sua contraparte, a vivência (*Erlebnis*), o pensamento necessita, além de esclarecer mais detalhadamente o acontecimento da clareira do seer em seu caráter historial²⁷, resguardá-lo contra o avanço da técnica, que tende a uniformizar o trato ontológico. O abandono do ser na época da técnica distingue-se pelo predomínio do cálculo e da rapidez na relação com o ente, pela irrupção do massificado, pelo desnudamento, pela publicização e vulgarização de toda afinação²⁸, pela completa ausência de questão, e pela ubiquidade da mediação de todo o ente pelas vivências²⁹. Vejamos com mais detalhe essas notas características.

O cálculo é uma forma de realização da maquinação e do abandono do ser, na medida em que captura todo ente pela matematização, que organiza e planeja todo e qualquer aspecto do ente. Por sua vez, o abandono do ser se cumpre também pela dificuldade de se respeitar o tempo próprio dos entes e, assim, a rapidez, tanto quanto o cálculo, implicam a incapacidade de uma relação com entes que escape da tentativa de submetê-los ao controle. Guiados pela rapidez e pelo cálculo, a compreensão dos entes passa, no âmbito da maquinação, à mais ampla massificação, difundindo e ressaltando aquilo que é comum a todos, na recusa do que é raro. A exposição lembra aquela de *Ser e tempo*, que ressalta o desenraizamento irrefreado, porque, de modo geral, na época do abandono do ente, o ser humano “não chega às raízes do ente e não quer mesmo chegar até aí”, o que mostra “a sua própria ausência de solo”³⁰. O desnudamento, a publicização e a vulgarização da afinação decorrem precisamente dessa dinâmica

²⁷ Heidegger distingue entre o historial (*geschichthhaft*), que é haurido a partir do acontecimento apropriador (*Ereignis*), e o histórico (*geschichtlich*), que remete à história do ente. Cf. HEIDEGGER, M. *O acontecimento apropriativo*. Rio de Janeiro: Forense, 2013, §292, p. 262; GA 71: 265.

²⁸ Opto por traduzir *Stimmung* por afinação, ao invés de tonalidade afetiva (como consta na tradução), estado de ânimo ou humor.

²⁹ Cf. HEIDEGGER, M. *Contribuições à filosofia: do acontecimento apropriador*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2015, §58, p. 119-123; GA 65: 120-124.

³⁰ HEIDEGGER, *Contribuições*, § 58, p. 121; GA 65: 122. Compare com HEIDEGGER, *Sein und Zeit*, § 35, p. 170: “o falatório é o modo de ser da compreensão desenraizada do ser-aí. Ele não se apresenta como estado subsistente de algo subsistente, mas, existencialmente desenraizado, ele mesmo é no modo de um contínuo desenraizamento”.

de desenraizamento. Porém, diferentemente da ontologia fundamental, em que esse problema é existencial e modalizado pela queda, sendo mais uma questão relativa ao si próprio, nas *Contribuições* e em *Meditação* esse desenraizamento adquire um caráter epocal, prefigurado pelo abandono do ser característico da consumação da metafísica.

A ausência de questão pode ser concebida em sua ligação com a crítica heideggeriana da vivência, pois, na medida em que a relação mais genuína com o questionamento passa por um declínio – já que questionar significaria transitar no âmbito daquilo que encerra certo ocultamento –, a vivência passa a expressar o tipo de contato com os entes que pressupõe a sua transparência e mostração absoluta, a partir de uma suposta subjetividade. O fato de que na época do abandono do ser já “não se admite mais fundamentalmente nenhum elemento velado”³¹, será tematizado nas afinações – especialmente no *pudor* e na *retenção* – que, como veremos, abrem o pensamento para o seer na medida em que acolhem o seu caráter de recusa à objetificação. É por esse motivo que “maquinação e vivência (*Erleben*) se correspondem na despotencialização da *physis*”³², já que elas atuam na recusa de que o ser possua um elemento de retraimento. Ambas prefiguram o argumento heideggeriano da violência da técnica, que desafia todo o ente através de uma vontade de assenhoreamento, como aparecerá em “A questão da técnica”. Na década de 1930, a violência (*Gewalt*) é definida como “a essência da maquinação”, que busca o “asseguramento do poder” em relação aos entes através da calculabilidade³³. Contudo, a maquinação não ocorre sem que lhe seja franqueada a perspectiva subjetiva necessária, isto é, a autocompreensão do ser-aí de que ele é um animal, um ser vivo dotado de vontade que se vê como um sujeito que determina processos históricos, um “sujeito cofeitor”³⁴ que sujeita a *physis* à sua vontade. Assim, se a maquinação é violência, não menos violenta é a vivência, na medida em que “ratifica a maquinação incondicionalmente”³⁵ ao impor um antropomorfismo em relação ao ser. Conforme se lê em *Contribuições*: “só o viven-ciado e o viven-ciável, aquilo que penetra na esfera do viven-ciar, aquilo que o homem consegue trazer para si e para diante de si, pode viger como ‘ente’”³⁶.

O abandono do ser levado a cabo pela maquinação captura o ente de forma a realizar a vontade de poder (em sentido heideggeriano), em que o ente

³¹ HEIDEGGER, *Contribuições*, § 58, p. 122; GA 65: 123.

³² CATTOGIO, Leandro. La amarga tensión de la perseverancia. Notas acerca de la “decisión” en los *Beiträge zur Philosophie*. In: PARENTE, Diego; CATOGGIO, Leandro. *Decir el abismo: Lecturas de Heidegger y su obra en la década del 30*. Mar del Plata: EUDEM, 2010, p. 125, p. 113-137, tradução nossa.

³³ Heidegger, *Meditação*, 2010, §9, p. 18; GA 66: 16.

³⁴ *Ibid.*, §9, p. 19; GA 66: 17.

³⁵ HEIDEGGER, *Contribuições*, § 69, nota 35 (cf. também § 66), p. 132; GA 65: 134.

³⁶ *Ibid.*, § 63, p. 128; GA 65: 129.

aparece segundo os critérios de uma liberação de forças (o aspecto dinâmico – *Dynamischen*), que não respeita nada fora de sua esfera de domínio total (*Totale*). Essa liberação de forças, que pretende comandar (o aspecto imperial – *Imperiale*) de forma total o ente, apreende de modo abarcante o conjunto de todos os entes (o planetário – *Planetarische*) através do cálculo (o racional – *Rationale*)³⁷. Essa conjuntura leva o ente a ser desencoberto de forma precária, limitada aos aspectos que lhe permitam adequação ao emprego técnico. Com efeito, cada um desses traços característicos revela a captura do ente em um enredamento de relações pautadas na vontade de seu domínio e controle. Considerando que isso requer a absoluta exclusão de outras possibilidades, o domínio sobre a esfera de forças almeja ser totalizante, a fim de que o ente não seja visto senão como integrado a esse sistema de forças³⁸. Na época da técnica ou abandono do ser, o ser humano pretende ser o senhor dessa totalidade de forças, aspecto único a partir do qual o ente é apreendido. Como mencionado anteriormente, essa apreensão é cálculo, no sentido de uma captura de possibilidades exploratórias do ente, mas de tal forma que esse cálculo é simultaneamente previsão e controle, e destarte, ordenação e normatização do mundo segundo formas de esgotabilidade do ente. Por conseguinte, o ente é sempre mobilizado segundo uma dinâmica de domínio, encobrindo outras vias de ser. Como afirma Heidegger, o chamado “desencantamento do mundo”, segundo a expressão de Max Weber³⁹, deve ser pensado justamente de modo inverso, como um encantamento específico que advém do “domínio ilimitado da maquinação”⁴⁰.

Como contraposição ao mundo maquínico que se desdobra na forma de uma violência abrangente e desafiadora, Heidegger emprega uma série de conceitos que salientam a dificuldade, mas também a dignidade, de se permanecer na clareira do seer, isto é, num âmbito de abertura ao ser

³⁷ Cf. Heidegger, *Meditação*, 2010, §9, p. 20; GA 66: 18. Apesar de nosso foco se concentrar nos textos da década de 1930, cabe assinalar que esses conceitos, em clara linha de continuidade com a crítica à vontade de poder em seus cursos *Nietzsche*, não deixam de reaparecer em diversas formas, tal como em “A questão da técnica”, em que o ser humano, no contexto de um desafio generalizado ao ente na forma da *Gestell* (armação, composição), se arroga a ser o “dominador da terra” (p. 390). Se as ciências modernas encaram a natureza “como um complexo de forças passíveis de cálculo” (p. 386), isso não significa, para Heidegger, que o cálculo está fundado nessas ciências, mas antes, que estas é que estão fundadas naquele e levam a cabo a calculabilidade desafiadora característica do projeto metafísico do ser. HEIDEGGER, M. A questão da técnica. *Scientiae Studia*. v.5, n.3, p. 375-398, 2007; GA 07: 05-36.

³⁸ Que o abandono do ser tenha um caráter de totalização, é algo que se manifesta na pressuposição de inesgotabilidade do ente. Heidegger nomeia de gigantesco (*Riesenhafte*) o incalculável como tal e, por esse motivo, insensível à situacionalidade, à abundância e à falta, já que designa a exploração ilimitada do ente, engendrada por meio de cálculos explorativos infintos. Desse modo, o gigantesco é a consumação do abandono do ser, na medida em que rejeita qualquer retração e mistério: “Como o gigantesco nunca conhece o supér-fluo, o inesgotado in-esgotável, o simples também precisa permanecer vedado para ele”. HEIDEGGER, *Contribuições*, § 70, p. 135; GA 65: 137.

³⁹ Ver WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

⁴⁰ HEIDEGGER, *Contribuições*, § 59, p. 123; GA 65: 124.

em que o sentido não é determinado de antemão pela vontade humana. Essa postura implica o reconhecimento de uma indigência (*Not*) que resulta do abandono do ser, já que quanto mais o ente humano se enreda na dinâmica da maquinação, mais a técnica assume um caráter absoluto e irresistível. A dificuldade de acesso ao seer, em vista da preponderância do modo maquínico de captura do ente, mostra como o abandono do ser não consiste apenas na normalização do subsistente como critério do ser, pois envolve também uma violência que desconhece o que não se enquadra na vontade irrefreável de domínio técnico. É nesse cenário que a salvaguarda do seer será repensada, em vista de um perigo que coloca em risco o próprio acontecimento da verdade.

A relação fundamental com a clareira do seer é concebida, por Heidegger, a partir da essência do abrigo (*Bergung*) que, nas *Contribuições*, é definido como “a guarda (*Bewahrung*) do acontecimento apropriador por meio da disputa (*Bestreitung*) do combate (*Streit*)”⁴¹. Essa guarda não é algo da ordem da posse de um saber subsistente, pois se encontra vinculada à preservação mesma de uma disputa fundamental, a partir da qual se delineiam os rumos e as possibilidades dos entes. A possibilidade ou não de abertura a essa disputa decide sobre o pertencimento ou não ao acontecimento apropriador. Não resta dúvida de que a premissa fundamental do acontecimento da verdade como salvaguarda do seer, elaborada na hermenêutica da facticidade, permanece nos escritos heideggerianos após a viragem, embora com modificações profundas, introduzindo assim outro escopo filosófico. Lê-se nas *Contribuições* que “o homem é nomeado por meio dessa requisição do próprio seer como o guardião (*Wächter*) da verdade do seer (ser homem como ‘cuidado’, fundado no ser-aí)”⁴², embora o conceito de cuidado deva ser interpretado aqui como assumindo aspectos não tematizados pela analítica existencial⁴³. De modo análogo, Heidegger atribuiria posteriormente a expressão “pastor do ser” (*Hirt des Seins*) ao ser humano para esclarecer o sentido do cuidado em “Carta sobre o humanismo”⁴⁴.

⁴¹ HEIDEGGER, *Beiträge*, GA 65, p. 392. [tradução nossa].

⁴² *Ibid.*, §123, p. 237; GA 65: 240.

⁴³ Borges-Duarte chama atenção justamente para o uso específico de cuidado (*Sorge*) após a viragem, na medida em que se trata do “deixar-se apropriar do aí pelo ser, no acontecimento do *Dasein* enquanto tal”, portanto, relacionado ao acontecimento-apropriador e distinto da mera “preocupação” [*Bekümmernis*]. Essa análise ocorre no contexto de uma passagem de *A história do ser*, em que o cuidado é relacionado ao em-pobrecimento (*Ver-armung*), uma pobreza que é o “estar-em-guarda” (*Hut der Gewahrnis*) em relação ao ser. Embora seu artigo fuja de nosso escopo, já que exigiria uma investigação sobre a pobreza (*Armut*), ressaltamos a afinidade de nossa proposta com a conclusão da autora: “Podemos, pois, concluir com uma palavra: Schonung – a pobreza vem a ser, para Heidegger, um poupar o ser, o que não significa senão zelar por ele, cuidar dele, acolhendo e salvaguardando com simplicidade o seu inesgotável oferecimento”. BORGES-DUARTE, Irene. “Cuidado e pobreza em Heidegger”. In: Irene Borges-Duarte; Bernhard Sylla; Marco Casanova (orgs.). *Fenomenologia Hoje VI: Intencionalidade e cuidado*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017, p. 09-35, p. 34.

⁴⁴ HEIDEGGER, M. *Conferências e escritos filosóficos*. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 158; GA 09: 331.

A salvaguarda do ser na verdade, tal como descrita no *Informe Natorp*, permanece pressuposta como o resguardo da dignidade do ser em sua pluralidade de modos de realização. Todavia, isso não exprime de forma suficiente o que está em jogo na época da consumação da metafísica. De fato, se antes a tarefa consistia em exibir a prioridade ontológica da verdade frente à adequação enunciativa, ao vinculá-la ao próprio acontecimento em que o ente se mostra em algum aspecto em seu ser, apontando, com isso, a inseparabilidade entre o acontecimento da verdade e a pluralidade de modos de ser (questão que não deixa de perdurar em seu pensamento), agora é guarda do espaço de jogo do acontecimento apropriador mesmo que é ameaçada pela ampliação crescente da hegemonia da maquinação. Assim, a guarda preserva a instância de um abrigo, em que o seer se retrai em sua doação. Ao doar-se como o primeiro início metafísico (*Sein*), o seer retrai-se em sua possibilidade não-metafísica (*Seyn*), como o totalmente outro, o qual cabe ao pensamento manter sob sua guarda, como abrigado.

No entanto, o seer só pode ser salvaguardado caso o ser-aí se encontre devidamente afinado. Já na hermenêutica da facticidade, mas especialmente na época da ontologia fundamental, as afinações designam aberturas de sentido. Por apreenderem o nosso ser-no-mundo de forma pré-reflexiva, as afinações apreendem e articulam contextos de sentido que prefiguram a interpretação detida e temática de determinado ente. Após a viragem, as afinações sofrem também um reajuste na sua conceitualidade, ao serem deslocadas do âmbito de uma analítica existencial centrada no ser-aí para a confrontação com a história da metafísica em vista da possibilidade de outro início (não-metafísico). Nas *Contribuições*, são várias as formas da afinação fundamental (*Grundstimmung*) que, embora interdependentes, salientam aspectos distintos do acontecimento apropriador⁴⁵. O espanto (*Erschrecken*) afina o ser-aí para o outro início, em contraposição à afinação do primeiro início, a admiração [*Erstaunen*]. O primeiro início é a aurora grega, que converte algo banal e habitual – o fato de que o ente é – em algo inabitual; tal é a afinação promovida pela admiração. Por sua vez, ao diferenciar-se da admiração de que o ente é, o espanto abre o ser humano para o que há de mais estranho, na medida se trava contato com o abandono do ser.

O pudor (*Scheu*) afina em vista do silenciamento da permanência junto ao “mais distante enquanto tal” (*Fernstern als solchem*)⁴⁶, ao “último deus”⁴⁷, e, desse modo, na proximidade do essenciar-se do seer. Na medida em que o outro início não é algo cronológico e suscetível à causação da

⁴⁵ “O fato de a tonalidade afetiva fundamental do outro início precisar ser dotada de muitos nomes não contesta sua simplicidade, mas confirma sua riqueza e sua estranheza”. HEIDEGGER, *Contribuições*, §6, p. 26; GA 65: 22.

⁴⁶ *Ibid.*, §5, p. 20; GA 65: 16.

⁴⁷ *Ibid.*, §5, p. 16; GA 65: 12.

vontade humana, ele só pode ser pensado na forma de uma antecipação que não pretenda tomar a história como mero subsistente, disponível ao arbítrio. O pudor é um modo de abrigar o seer, sem que a sua distância seja simplesmente nivelada, pois afina o pensamento na permanência da proximidade dessa distância. O reconhecimento daquilo que é inabarcável e distante, que Heidegger denomina de último deus, implica a existência de algo insubmisso, em relação ao qual cabe tão somente um demorar-se na proximidade possível.

Por sua vez, a retenção (*Verhaltenheit*) é a afinação fundamental que determina o estilo do outro início, ou, dito de outro modo, “o estilo do ser humano por vir”⁴⁸. Ao determinar o estilo, ela se torna o “meio afinador” do espanto e do pudor, na medida em que afina ambos, ao caracterizar-se como a “prontidão para a recusa como doação”⁴⁹. Tal estilo diz respeito ao impulso básico de nunca tomar o outro início como algo que se coloca à disposição, mas de reter nessa recusa a forma própria de sua doação.

Em vista disso, o ser humano só se revela capaz de pertencer ao acontecimento apropriador se estiver devidamente afinado, no espanto da exposição ao abandono do ser, na compreensão dos limites de toda violência calculativa e, portanto, na retenção hesitante que permanece no pudor desse acontecimento. É nesse sentido que “o homem torna-se o *guardião* desse silêncio [*Wächter für diese Stille*]”, como “aquele que vela pela verdade do seer”⁵⁰ na época da indigência. A necessidade da guarda resulta do tipo peculiar de doação do acontecimento apropriador, que se retrai no domínio do primeiro início e se mantém assim como a possibilidade do outro início. Este, porém, não se oferece pelos meios do primeiro início, que culminam na vontade de vontade e, conseqüentemente, no abandono do ser, mas na recusa da hegemonia maquínica. Por não se submeterem ao cálculo e à vontade, as afinações permitem o acesso ao acontecimento apropriador, na medida em que expõem o ser humano à proximidade do mais distante.

Por meio da análise das afinações fundamentais, Heidegger conclui: “ser o que busca, o que vela, o que guarda [*Sucher, Wahrer, Wächter*] – isto significa o *cuidado* [*Sorge*] enquanto traço fundamental do ser-aí”⁵¹. Se, em certo sentido, essa afirmação reitera a característica fundamental do cuidado, tal como proposto no *Informe Natorp*, em que designa a unidade da pluralidade de modos de ser na apropriação das virtudes dianoéticas propostas por Aristóteles, por outro lado, o seu espectro e o seu alcance mudam, em virtude da introdução de várias temáticas, dentre elas o es-

⁴⁸ *Ibid.*, §13, p. 37; GA 65: 33.

⁴⁹ *Ibid.*, §5, p. 19; GA 65: 15.

⁵⁰ *Ibid.*, §5, p. 21; GA 65: 17.

⁵¹ *Ibidem*.

tilo por meio do qual o ser humano se acerca do acontecimento do seer. As formas da afinação fundamental permitem que aquilo que é próprio ao acontecimento apropriador seja salvaguardado em sua especificidade, isto é, como doação que se retrai e que, por isso, resiste a todo cálculo e dominação. Ao afinar-se (pelo espanto, pelo pudor, pela retenção, pelo pressentimento), o ser humano (caso se aproprie de si enquanto ser-aí) dirige-se ao mais inóspito e estranho, ao que não é ente (ou ao que não é determinado pelo primeiro início), e assim, nesse conduzir-se à ultrapassagem do ente, permanece junto ao seer, como o ente que vela a verdade do seer e guarda o silêncio diante do mais distante.

O pressentimento (*Er-ahnen*), mais uma afinação fundamental que se junta àquelas acima discutidas, é pensado desde o outro início, como “a guarda (*Aufbehalten*) que se funda de volta em si mesma do poder afinador, o abrigar hesitante (*das zögernde Bergen*) (...)”⁵². O pressentimento é a afinação fundamental do outro início porque antecipa e reconhece a indigência e, por isso, é a guarda do que se retrai em sua doação, como forma de abdicação (*Verzicht*) que instaura a possibilidade de um pertencimento ao seer⁵³.

As afinações fundamentais são implicadas na elaboração do mútuo pertencimento entre o ser-aí e o seer. Lê-se nas *Contribuições* que “o ser-aí é o que é apropriado no acontecimento apropriador (*im Ereignis Ereignete*). E somente a partir de tal essência é que ele tem a sua propriedade na guarda (*Wächterschaft*) fundante da recusa, uma guarda que conserva (*bewahrenden*) o aí”⁵⁴. Em outra passagem, Heidegger reitera essa correlação: “o abrigo (*Bergung*) mesmo realiza-se no e como *ser-aí*”⁵⁵. Desse modo, depreende-se que tanto o acontecimento apropriador depende da afinação adequada para a sua guarda, quanto o ser-aí necessita da devida afinação para exercer essa guarda e, assim, apropriar-se de si mesmo. Não se está

⁵² *Ibid.*, §6, p. 26; GA 65: 22.

⁵³ De modo semelhante, em *Acontecimento apropriativo*, Heidegger correlaciona a guarda do *Ereignis* a outras afinações. Lê-se: “A dor [*Die Schmerz*] abriga [*birgt*] em si a unidade originária da alegria da intimidade e da tristeza da separação. A alegria [*Die Freude*] é a guarda e a defesa [*Hut und Wahr*] do seer em sua transversão e abrigo [*Bergung*] no início. A tristeza [*Die Trauer*] é a guarda e defesa do seer em sua transversão e em seu curso evasivo em meio ao ocaso do início”. HEIDEGGER, *Acontecimento*, §242, p. 218; GA 71: 219. Não há um tratamento mais destacado nesse volume dessas afinações (que não são descritas como *fundamentais*) e um estudo mais detalhado sobre a sua significação no teor do contexto do acontecimento apropriador foge dos objetivos de nosso artigo. Contudo, as definições apresentadas evidenciam, ao menos, a guarda e a defesa do seer como preocupações constantes da filosofia, tarefas que dependem das afinações supramencionadas. Por fim, nessa obra, Heidegger apresenta uma listagem das *afinações fundamentais* ligeiramente distinta daquela das *Contribuições*. São elas: a admiração (*das Erstaunen*), o maravilhar-se (*das Sichwundern*), o espanto (*das Erschrecken*), o agradecimento (*das Danken*) e o pudor (*Die Scheu*). A tradução brasileira omite a linha sobre o maravilhar-se. Ver HEIDEGGER, *Acontecimento*, §246, p. 221-222; GA 71: 222.

⁵⁴ HEIDEGGER, *Beiträge*, GA 65, p. 487. [tradução nossa].

⁵⁵ *Ibid.*, §32, p. 73; GA 65: 71.

longe da famosa afirmação de “Identidade e diferença”, de 1957, que diz: “O comum-pertencer (*Zusammengehören*) de homem e ser ao modo da recíproca provocação nos faz ver, de uma proximidade desconcertante, o fato e a maneira como o homem está entregue como propriedade ao ser e como o ser é apropriado ao homem”⁵⁶. Contudo, o acento nas afinações fundamentais em *Contribuições* é único, pois desempenha uma força capital para a unidade das junções ou fugas (*Fugen*) que estruturam a obra⁵⁷, na medida em que as correlaciona por meio de uma implicação do próprio modo como o ser-aí se acerca do acontecimento apropriador, contrariamente às investigações filosóficas meramente transcendentais⁵⁸, que tão somente descrevem estruturas de condição de possibilidade.

A afinação com o outro início envolve uma decisão, que repercute tanto sobre o seer quanto sobre o ser-aí, em vista do tipo peculiar de reciprocidade ontológica que possuem. Essa decisão orbita em torno do modo como o ser humano se relaciona com o ser: se essa modulação mantém o fundamento metafísico como determinante na história ou se, ao contrário, inaugura uma configuração histórico-ontológica diversa não assentada na entificação do ser. É na afinação com o outro início que o ser humano se apropria de si em seu ser-aí. Sobre isso, lê-se que “a guarda [*Wächterschaft*]

⁵⁶ HEIDEGGER, *Conferências*, p. 184-5; GA 11: 45. Como contrapartida às figuras do guardião e do pastor do ser, em que se ressalta a salvaguarda do ser-aí em relação ao ser, deve-se atentar para o movimento inverso correspondente em que o ser preserva o ser-aí em relação à sua propriedade: “o ser é a proteção [*Hut*] que guarda [*behütet*] o homem em sua essência ec-sistente, de tal maneira, para a sua verdade, que ela instala a ec-sistência na linguagem”. HEIDEGGER, *Conferências*, p. 173; GA 09: 361.

⁵⁷ Em alemão, *Fuge* e o termo arcaico *Fug* trazem uma notável polissemia, que deve ser levada em consideração quanto ao estilo em que as *Contribuições à Filosofia* foram escritas, tal qual a de um arranjo composicional. Do ponto de vista musical, a fuga (*Fuge*) consiste em uma composição polifônica com variações temáticas, normalmente uma quinta acima, ou uma quarta abaixo, podendo apresentar um tratamento de *contrapontos*. Dentro do vasto campo semântico desses termos, Drucker destaca que o termo *Fuge* designa a fuga musical, que se caracteriza por “introduzir variações em um tema”, mas também junta, como “a ranhura que permite a junta das peças”, enquanto *Fug* remete à pertinência e à competência. DRUCKER, Claudia. “A obra de arte musical: uma pergunta para Heidegger”. In: *Revista filosófica de Coimbra*, v. 28, n. 55, 2019, p. 7-34, p. 30. Ressaltando também o aspecto musical da fuga, Leeuwen explica que “o texto das *Beiträge* é reunido de acordo como o modelo musical da fuga, por meio do qual Heidegger desenvolve propositadamente uma complexa, porém unificada, variedade de discussões. Diferentemente de temas musicais, palavras não podem gerar contrapontos (*words cannot be counter-pointed*) e, portanto, essa forma escrita da fuga só pode ser adotada conceitualmente, em vez de literalmente”. Considerando que as *Contribuições* não formam um texto sistemático, “como uma fuga musical a sua estrutura deve ser *experienciada*, em vez de *desmembrada*”. LEEUWEN, Henk J. Van. *Only a God can save us: Heidegger, poetic imagination and the modern malaise*. Australia: Common Ground Publishing, 2009, p. 53, tradução nossa. Que os capítulos das *Contribuições* sejam denominados de *fugas*, só reforça o gesto heideggeriano de recusa de uma apresentação linear dos conceitos e mesmo, em certo sentido, do estilo circular de *Ser e tempo*, através das variações temáticas que colocam em jogo a diferença entre os dois inícios.

⁵⁸ Cf. HEIDEGGER, *Contribuições*, §122, p. 236; GA 65: 239.

do homem, contudo, é o fundamento de uma outra história. Pois ela não se realiza como mero manter-em-vista algo presente. Essa guarda é antes uma guarda fundante”⁵⁹. Como se percebe, é no âmbito da guarda que se decide sobre a possibilidade de fundar outra história, sendo todos os outros modos de atuação na história, como ações e teorias explicativas, previamente determinados pela decisão sobre a salvaguarda do seer. Lê-se em *Contribuições*: “salvaguarda (*Verwahrung*) do seer (salvaguarda em termos da história dotada do caráter do acontecimento apropriador)”⁶⁰. A salvaguarda do seer implica manter aberta a manifestação plural do seer sem que o ente venha a ser capturado na ubiquidade do cálculo maquínico. Não é demasiado salientar que a salvaguarda do seer não é algo da ordem da vontade, mas um estar afinado que aceita o caráter de retração da doação de seer, que se refugia em seu abrigo. Em oposição à violência maquínica que requer o ente para esgotá-lo, a salvaguarda reconhece e preserva o modo como originariamente o seer se doa. O texto de *Meditação* enfatiza claramente o privilégio ontológico do ser humano, cuja abertura ao seer (enquanto ser-aí) o dota simultaneamente de uma responsabilidade; por esse motivo, a salvaguarda ou não dessa abertura incide sobre a possibilidade ontológica de todos os entes, incluído o próprio ser-aí. No entanto, ser abertura é estar na errância e, assim, se relacionar constantemente com o velamento e o encobrimento:

O fato de a essência da verdade do seer ser errância (*Irre*) tem por consequência essencial o fato de todo e qualquer ente, que se encontra no aberto e pode se transformar na salvaguarda (*Verwahrung*) desse aberto, sempre se achar ao mesmo tempo na não verdade e, efetivamente, no sentido duplo do velamento (*Verborgenheit*) e do encobrimento (*Verstellung*).⁶¹

Em vez de um asseguramento da verdade, ou, ainda, um domínio técnico sobre o ente que o força a se mostrar sempre e inexoravelmente na forma de sua exploração, a salvaguarda do seer diz respeito à preservação do âmbito de abertura em que velamento e encobrimento e os seus privativos ocasionais, desvelamento e desencobrimento, podem se dar. Diante de uma ameaça em escala planetária que homogeneíza todas as relações de ser em exploração do ente, a proposta heideggeriana é deveras complexa, pois, por princípio, não pode derivar de uma alternativa técnica. Para tanto, aposta em um aprofundamento do sentido da doação de seer ao qualificar a tarefa de nossa época como sendo a da recuperação de uma proximidade com o que há de mais inaparente, e que, no entanto, precisa ser salvaguardado.

⁵⁹ *Ibid.*, §123, p. 237; GA 65: 240-241.

⁶⁰ *Ibid.*, §275, p. 479; GA 65: 195, trad. mod. Na tradução, *Verwahrung* aparece como preservação.

⁶¹ HEIDEGGER, *Meditação*, §72, p. 216; GA 66: 259, trad. mod. Na tradução, *Verwahrung* é vertido por custódia.

Considerações finais

Se a pergunta pelo ser é a questão diretriz da trajetória intelectual de Heidegger, percebe-se que ela não envolve de maneira circunstancial, mas fundamental, um léxico da salvaguarda do ser, desde o período da hermenêutica da facticidade até suas obras posteriores, aqui circunstanciado ao entorno de *Contribuições à Filosofia e Meditação*. Apesar da continuidade temática da salvaguarda ser indiscutível, faz-se necessário destacar suas nuances, o uso de termos correlatos, bem como o seu espectro de significação.

No período da hermenêutica da facticidade, Heidegger emprega a “salvaguarda do ser” para designar o próprio conceito de verdade, sugerindo que a implicação de *wahr* (o verdadeiro) em *Verwahrung* remete a uma custódia do ser na verdade. Trata-se, contudo, de uma abordagem peculiar sobre a verdade, baseada numa interpretação das virtudes dianoéticas propostas por Aristóteles, que reconhece diversos modos em que o ser se manifesta, de acordo com a região ontológica a que o fenômeno pertence e é acessado. As virtudes dianoéticas são tomadas, portanto, como modos de salvaguarda do ser, ou formas através das quais o ente aparece em seu ser, em sua verdade. O reconhecimento da pluralidade de modos de ser não leva apenas Heidegger à concepção de que o acontecer da verdade se dá de modos distintos, mas também à proposição de que o ser-aí é o ente que se abre simultaneamente para essa variedade modal, sendo, por isso, capaz de salvaguardar o ser ao preservar os diversos modos em que este acontece. Em contraposição à uniformidade metafísica, que toma o ente como um subsistente (*Vorhanden*), o projeto que se inicia na hermenêutica da facticidade busca recuperar a dimensão ontológica da verdade.

Em escritos da década de 1930, o léxico da salvaguarda do seer (*Seyn*) aparece no interior de um confronto contra o último estágio da metafísica, que universaliza o acesso ao ente pela via da técnica, aí pensada predominantemente como maquinação e vivência. A questão do seer passa a requerer o pensamento sobre o acontecimento apropriador, como instância de abertura da possibilidade historial fundamental: a de um outro início não metafisicamente determinado. Na medida em que a preservação do espaço de jogo do *Ereignis* se torna possibilitador de uma outra história, explicita-se a tarefa historial do ser-aí de se tornar o guardião (*Wächter*) do seer, ao realizar a guarda (*Bewahrung*) do próprio acontecimento apropriador. Essa “guarda fundante” se coloca em outro registro que não o metafísico, pois é originariamente historial e, por isso, correspondente às diversas formas da afinação fundamental (espanto, pudor, retenção, pressentimento). A retenção hesitante, que se aproxima da clareira do seer sem violentá-lo, implica que o ser humano, em seu caráter de ser-aí, é aquele que busca (*Sucher*) o seer, que o vela (*Wahrer*) e, assim, o guarda (*Wächter*).

Tal léxico da salvaguarda, que comporta momentos irreduzíveis, pois pertencentes a etapas intelectuais distintas na trajetória de Heidegger, aponta para o fato de que o filósofo alemão forjou um vocabulário específico, em vários casos a partir de variações do verdadeiro (*wahr*), para mostrar como o tema fulcral de sua ontologia, a verdade (*Wahrheit*), envolve formas de resguardo de seu caráter de acontecimento, como a salvaguarda (*Verwahrung*) e a guarda (*Bewahrung*). Se é correto afirmar que o tema da verdade permanece como constante em sua produção bibliográfica, é também necessária a atenção para as nuances a respeito do que é digno de salvaguarda (ser/seer), bem como para as modificações daquilo que o ameaça. Embora o presente estudo tenha delimitado um espectro teórico da obra heideggeriana, acredita-se que os resultados apresentados sejam suficientes para motivar o leitor a investigar mais detidamente o tema da salvaguarda na ontologia.

Referências

- BORGES-DUARTE, Irene. "Cuidado e pobreza em Heidegger". In: Irene Borges-Duarte; Bernhard Sylla; Marco Casanova (orgs.). *Fenomenologia Hoje IV: Intencionalidade e cuidado*. Rio de Janeiro: Veritas, 2017, p. 09-35.
- CATTOGIO, Leandro. La amarga tensión de la perseverancia. Notas acerca de la "decisión" en los *Beiträge zur Philosophie*. In: PARENTE, Diego; CATOGGIO, Leandro. *Decir el abismo: Lecturas de Heidegger y su obra en la década del 30*. Mar del Plata: EUEM, 2010, p. 113-137.
- DRUCKER, Claudia. "A obra de arte musical: uma pergunta para Heidegger". In: *Revista filosófica de Coimbra*, v. 28, n. 55, 2019, p. 7-34.
- HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. Trad. Marco Aurélio Werle. *Scientiae Studia*, São Paulo, v.5, n.3, 2007, p. 375-398.
- HEIDEGGER, Martin. *O acontecimento apropriativo*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense, 2013.
- HEIDEGGER, Martin. *Beiträge zur Philosophie (GA 65)*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1989.
- HEIDEGGER, Martin. *Besinnung (GA 66)*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1997.
- HEIDEGGER, Martin. *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- HEIDEGGER, Martin. *Contribuições à filosofia: do acontecimento apropriador*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2015.
- HEIDEGGER, Martin. *Das Ereignis (GA 71)*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2009.

- HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002.
- HEIDEGGER, Martin. *Grundprobleme der Phänomenologie* (GA 24). Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1975
- HEIDEGGER, Martin. *Holzwege* (GA 05). Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1977.
- HEIDEGGER, Martin. *Identität und Differenz* (GA 11). Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2006.
- HEIDEGGER, Martin. *Marcas do Caminho*. Trad. Enio Paulo Giachini, Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes, 2008.
- HEIDEGGER, Martin. *Meditação*. Trad. Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2010.
- HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche* (GA 6.2). Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1997.
- HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche II*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense, 2007
- HEIDEGGER, Martin. *Parmenides* (GA 54). Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1992.
- HEIDEGGER, Martin. *Phänomenologische Interpretation ausgewählter Abhandlungen des Aristoteles zu Ontologie und Logik* (GA 62). Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2005.
- HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit* (GA 02). Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2018.
- HEIDEGGER, Martin. *Vorträge und Aufsätze* (GA 07). Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2000.
- HEIDEGGER, Martin. *Wegmarken* (GA 09). Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1976.
- JÜNGER, Ernst. *O trabalhador. Domínio e Figura*. Introd., trad. e notas Alexandre Franco de Sá. Lisboa: Hugin, 2000.
- KISIEL, Theodore. *The Genesis of Heidegger's Being and Time*. Berkeley: University of California Press, 1995.
- KISIEL, Theodore.; SHEEHAN, Thomas. *Becoming Heidegger: On the Trail of his Early Occasional Writings, 1910–1927*. The New Yearbook for Phenomenology and Phenomenological Philosophy IX. Seattle: Noesis, 2010.
- KOCKELMANS, Joseph J. *On the Truth of Being: reflections on Heidegger's latter philosophy*. Bloomington: Indiana University Press, 1984.
- LEEUEWEN, Henk J. Van. *Only a God can save us: Heidegger, poetic imagination and the modern malaise*. Australia: Common Ground Publishing, 2009.
- MALPAS, Jeff. *Heidegger's Topology: Being, Place, World*. Cambridge: MIT Press, 2007.

PERAITA, Carmen S. *Hermenéutica de la vida humana: en torno al informe Natorp de Martin Heidegger*. Madri: Trotta, 2002.

SCHÜRMAN, Reiner. *Heidegger on being and acting: from Principles to Anarchy*. Bloomington: Indiana University Press, 1987.

VOLPI, Franco. La existencia como praxis. Las raíces aristotélicas de la terminología de *Ser y tiempo*. In: VATTIMO, G. (Ed.). *Hermenéutica y racionalidade*. Colombia: Editorial Norma, 1994, p. 327-383.

VOLPI, Franco. *Martin Heidegger: Aportes a la Filosofía*. Madrid: Maia Ediciones, 2010.

WEBER, Max. *Ensaaios de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

ZARADER, Marlène. *Heidegger e as palavras da origem*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

Roberto Wu

Universidade Federal de Santa Catarina.
Campus Reitor João David Ferreira Lima
Trindade
88040970 — Florianópolis, SC — Brasil
E-mail: betowu@gmail.com